Venezuela 2026: Um ano desastroso, duas tragédias

Venezuela 2026: Un año desastroso, dos tragedias

Venezuela 2026: A disastrous year, two tragedies

Oscar Feo Istúriz[1]

O ano de 2026 será marcado na história da Venezuela por dois eventos devastadores: 3 de janeiro, data da intervenção política e militar dos Estados Unidos, e 24 de junho, quando um poderoso terremoto duplo abalou e mergulhou a nação em luto.

Os eventos de 3 de janeiro foram intensamente debatidos. Foi, sem dúvida, uma derrota humilhante para a Venezuela. Sua consequência fundamental foi a perda de nossa independência e soberania, materializada na instalação de um governo chefiado pela vice-presidente Delcy Rodríguez, mas claramente sob a tutela de Washington. Hoje, as decisões mais significativas sobre a política e a economia venezuelanas são tomadas nos Estados Unidos, que assumiram o controle do petróleo e administram os recursos derivados de sua comercialização. De lá, Donald Trump humilha e zomba constantemente de nosso povo; o exemplo mais grotesco é a designação da Venezuela como o "***51º estado***" da união. Tendo se tornado uma espécie de "protetorado" sob tutela militar e econômica, a luta para recuperar a independência e a soberania torna-se a tarefa fundamental do povo venezuelano.

Por sua vez, o duplo terremoto de 24 de junho é uma ferida aberta. Devido à recente ocorrência do evento, muitas perguntas permanecem sem resposta sobre seu impacto humano, político e econômico. Não irei repetir os números dolorosos de vítimas e pessoas afetadas que estamos vivenciando em primeira mão hoje. No entanto, é crucial ressaltar que esse cataclismo está abalando um país já devastado por décadas de má administração, corrupção, ignorância e improvisação. Essa deterioração institucional crônica levou ao êxodo de milhões de pessoas, incluindo profissionais e técnicos altamente qualificados que seriam vitais para a recuperação do país. Com uma capacidade de resposta estatal severamente reduzida, o desafio não é apenas reconstruir a infraestrutura e auxiliar as vítimas, mas também empreender uma reconstrução abrangente das instituições.

Ambas as tragédias compartilham um denominador comum: desinformação, distorção da realidade e falta de transparência. Isso nos coloca diante de uma luta acirrada entre pontos de vista opostos, onde não existe uma única verdade, mas sim múltiplas versões conflitantes. Já vimos em outras catástrofes como o caos é explorado para impor narrativas reducionistas. Enquanto as comunidades buscam sobreviventes entre os escombros, certos veículos de comunicação constroem narrativas que servem a interesses geopolíticos alheios à população. Atualmente, laboratórios midiáticos dirigidos do exterior — em sua maioria ligados a María Corina Machado — buscam capitalizar o sofrimento e a dor coletivos, transformando-os em raiva e fúria utilitaristas. Transformam a tragédia em um espetáculo para consumo nas redes sociais e moldam matrizes de opinião que obscurecem as causas subjacentes, desviando a atenção das tarefas urgentes de resgate, assistência e reconstrução.

[1] Oscar Feo Istúriz é um médico sanitarista venezuelano. Foi consultor e especialista da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) e do Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde (ISAGS UNASUL).

Repudiamos também o fato de os Estados Unidos — fiéis à sua tradição imperial de transformar desastres em estratégias de intervenção colonial — estarem utilizando essa catástrofe para consolidar sua presença militar no território, disfarçando de solidariedade o que, na realidade, é um mecanismo de controle político.

Por fim, reafirmamos nossa postura anti-imperialista. Reconhecemos que a reconstrução diante dos efeitos do terremoto exige solidariedade internacional e latino-americana; mas essa mesma força é necessária para recuperar a independência violada em 3 de janeiro. Somente assim poderemos abrir nossos braços para uma solidariedade e cooperação genuínas que nos permitam unir forças e curar um povo agora profundamente ferido.